

Contos e outras coisas de 2003 a 2010

CORPOS CONDENSÁVEIS

**Coletânea
de Samuel Peregrino**



CORPOS CONDENSÁVEIS

Samuel Peregrino

Coletânea de escritos (2003-2010)

"... não tenhas medo; esta ilha é sempre cheia de sons, ruídos e agradáveis árias que só deleitam sem causar-nos danos. Muitas vezes estrondam-me os ouvidos mil instrumentos de possante bulha; outras vezes são vozes, que fazem dormir de novo, embora tenha despertado de um longo sono.

Então em sonhos presumo ver as nuvens que se afastam, mostrando seus tesouros, como prestes a sobre mim choverem, de tal modo que, ao acordar, choro porque desejo prosseguir a sonhar."

A Tempestade - Shakespeare (1611)

Sumário

Zaratiel Lunara, o Possuidor	3
Salatiel	6
Salamandra	9
Querida Valentine	13
O homem de barro	15
New Eden	17
Poemiz	20
O cego e o poço	24
Monet, simplesmente, um olho	26
Jhacob Midon e o daemon Uriel	34
Dentro do sonho de um demônio	37
Lhia e Uriel	40
Chambala	44
Casa de Morfeus	48
Bellona	51
A vinda do Ícone	55
A dama dos campos de dentes-de-leão	59
A cura	52

Zaratiel Lunara, o Possuidor

"Sinto-me como aquele que vê Helena em toda mulher!"
Mefistófeles em Fausto
Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832)

Você não me conhece, mas logo vai ouvir falar muito de mim, eu sou aquele que você espera; a resposta para seus anseios, a outra imagem do espelho, o reflexo de seus desejos, a sombra desmedida de seus passos, o tempo todo estarei aqui esperando você me chamar.

Meu nome é Zaratiel Lunara e tenho o incrível dom de possuir corpos desejados. Diga-me, quem espera? Quem deseja? O que posso fazer para ocupar o vazio?

Sonnia me vê chegando descendo pela rua empoeirada, ela imóvel guardando um velho portão enferrujado. Achei que você não viria, Sérgio. Já estava ficando preocupada. Ainda espera por mim Sonnia? Há quanto tempo está aí? Doze anos.

Camisa listrada, vermelha e branca, algodão fio trinta amarrrotado, mangas curtas descobrindo a apagada tatuagem, um escorpião. Calça de linho desbotado, preto que virou cinza e um velho sapato com a sola furada. Sonnia se lembrou dos sonhos de infância, onde as horas solitárias se arrastavam pela eternidade e Sérgio distante como o sempre foi nos tempos da escola. Havia o amor escondido, uma inocência perdida; a primeira dor nunca é curada, é esquecida por anos a fio...

Ela nunca vai embora não é mesmo, Sérgio.

O que, Sonnia?

A saudade, a falta, o apego... Sempre penso em você, naqueles momentos que poderiam ter dado certo.

Você quer que eu diga o que poderia ter acontecido, Sonnia?

O quebra-luz no quarto aquece a açucena dormente no alabastrite esquecido. Dois corpos jogados sobre o leito galderio. Olho para o teto despedaçado, as aranhas se aglutinam num canto escuro, a calma que antevê a tempestade. Levanto silenciosamente.

Sonnia sonha. Sonha Sonnia.

O banheiro nauseabundo em treva acolhe meus olhos quebrantados. Não meus, mas de Sérgio, desse velho e barrigudo corpo de Sérgio. No espelho quebrado, um homem de meia idade, rosto marcado pelo cansaço e a desesperança; cabelos branqueados, barba grisalha e um sorriso amarelado.

Você não percebe Sonnia, o futuro é impreverivelmente imutável! Mesmo que vivêssemos nossas vidas como antes não seria a mesma coisa, a ilusão é percebida com o primeiro acordar e ainda assim seríamos os mesmos, velhas crianças inocentes frustradas, vítimas das próprias ciladas.

Ei, Sérgio! O que vai fazer amanhã?

Posso ficar aqui se quiser...

Não tem nenhum lugar para ir?

Não. Eu me perdi...

A comida estava ótima. Pedaços de frango empanado, um pollastro misturado a diversos grãos, salada colorida com hortaliças, plantas leguminosas, grão de vagem e suco de hortaliça. Estamos todos vivos no sono do Eterno.

Sentamos no canapé estofado, a poltrona rasgada carmim acolhia beijos e carícias, sussurros e frigidez, a falsa artimanha da atração, um enleio é suficiente... Mãos que se cruzam, o alento abafado, cálido, corpos despindo-se, dedos ágeis, hímen contraído (...) palavras não são suficientes...

Não sei como apareceu assim de repente, lembro-me de pensar em você certa vez, depois um sonho e agora está aqui tão perto, como se um doce demônio houvesse lido meus pensamentos; o que quererá em troca? Diga-me, Sérgio! Diga ao menos uma vez que não irá partir para sempre que agora será diferente, ficará mais que um dia apenas!

Não posso Sonnia! Não posso lhe prometer nada, apenas posso ficar aqui enquanto lembrar-se de meu rosto.

Regra Número 3 - O possuidor terá um prazo de 1 dia antes que o corpo do possuído seja inutilizado, decompondo-se no ar, no éter.

Salatiel

Assim veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo:

"Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saísses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta. Então disse eu: Ah, Senhor DEUS! Eis que não sei falar; porque ainda sou um menino. Mas o SENHOR me disse: Não digas:

"Eu sou um menino; porque a todos a quem eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar, falarás. Não temas diante deles; porque estou contigo para te livrar, diz o SENHOR. E estendeu o SENHOR a sua mão, e tocou-me na boca; e disse-me o

SENHOR: Eis que ponho as minhas palavras na tua boca..."

Jeremias 1:4-9

Pele de cabrito estirada sobre a pedra. Couro seco sem pelos ao calor do deserto - deserto de Lo-Debar. Corpo debruçado sobre a pedra.

Há uma pena azulada na mão esquerda - pena de faisão. Mão direita com firmeza segura a talha de madeira com água fosca - madeira de figueira seca. Líquido cor-de-zinco, das sementes da amoreira misturado às folhas de aloés e mirra. "Assim gravará no pergaminho," pensou.

Era a terceira vez no dia que ocorrera o sinal. A tinta escura unia ao sangue carmesim escorrendo pelos calos dos dedos. O suor manchou a última frase, as palavras saíram trêmulas. A pena cravada no manuscrito esperando pela Voz que parecia mais distante a cada momento.

A pena se rompe! O estalido ósseo partido da asa graciosa da pequena ave cor de anil, o desperta de sua numinosidade. Era homem outra vez.

Enrolou o pergaminho inacabado junto aos outros e o guardou na velha tenda de farrapos de linho grosso costurada com couro de bode.

Rasgou um pedaço de sua veste, enxugou o rosto e enrolou a mão fadigada. Sentou à beira do poço, amarrou o cântaro de argila e puxou a água. Pelo espelho d'água contemplou seu reflexo distorcido. Arrancou um suspiro longo e cansado, sentiu a dor de suas costas e lembrou-se de Thetis. A barba escondia o sorriso discreto. Bebeu a água e se aquietou ouvindo o vento passear pelo vale abaixo.

*' Eu sou a chama que dança / O fogo que não se apaga / A fúria que tudo consome /
Eu sou o amor que a tudo perdoa /*

Eu sou a ave que arrancaste a pena / Eu sou a pena que escreveste no livro / Eu sou

a palavra viva deste livro /

*O som que bate em teu peito / Não há silêncio / O caos veio pela minha voz / E tu,
mensageiro de Ariel, escreve minhas palavras /*

Profetiza! Profetiza!'

Salamandra

Os Grandes Dragões se alimentavam nos espaços celestes de substâncias etéreas que tem um cheiro delicado quando se combina um álcool, C2, com um ácido, H5, ou álcool com eliminação de água: (C2 H5)2. Um poderoso líquido volátil, um anestésico inflamável, eterno, fluido sutil, que encheria segundo os antigos, os espaços situados além da atmosfera celeste. Energia capaz de alimentar as estrelas.

Ato 1

Como não alimentar um demônio

A serpente metálica sobrevoava a vila à procura de comida. Nas casas abaixo, os moradores tranquilamente dormiam, sem notar a silenciosa salamandra passeando pelos céus faminta, engolindo nuvens. Ela se alimenta dos antigos pecados mosqueados no tecido do tempo.

A horrível besta esganiçava de suas entradas um silvo metalizado, capaz de desmoronar os nervos do mais valente, um som que perturba e traz medo há um garotinho que deu ouvido a uma tentação cuspida da língua de prata da besta que tudo vê e nada sabe.

É nesse estado que ela vive, algumas dimensões, além do vácuo orbital, zero absoluto, um corpo frio, matéria inerte, guiado por uma massa maior para sempre.

Em algum lugar-espaco-tempo daqui, se encontra um homem cuja vida fora ceifada em terra por um assassino serial. Por lei, onde espíritos se colidem como ondas flutuantes, os carrascos sempre encontram suas vítimas e por aqui os covardes mal conseguem abrir os olhos de vergonha e rancor.

Nessa região distante, os assassinados não podem mais morrer, pois lhes é dado todo controle sobre a imatéria e buracos negros. Geralmente eles encontram seus algozes em cadeias de ferro, escondidos em recônditos mofados de uma cena perdida de algum trecho das lembranças de suas medíocres vidas. É comum achá-los numa época remota à queda da inocência, em jardins onde crescem frutos de sabedoria, mas esse ser não consegue suportar poucos minutos ali, logo a escuridão os engole por dentro e muda todo o cenário e então, aparecem corvos sobre suas cabeças e a culpa vai repousar nos ombros caídos. Não há o que fazer além de esperar. Esperar.

Ele espera, como um espantalho no fim da colheita, por aquele que matou.

É como eu sempre digo: eles sempre voltarão para decidir-se entre a vingança e o perdão. Muitas almas se sentem justiçadas fazendo colidir estrelas. Algumas repetem o ato de suas mortes nos mínimos detalhes. Algumas facadas, apunhaladas, tacos de beisebol, machados, pistolas, serras, masoquismo, castração, selvageria, empaladas. Não rola ficar vendo, saca. Isso não muda nada. Eles jamais podem morrer de novo, pelo menos por aqui, na eternidade! Lugar onde dragões prateados brigam para comer o céu. Aí, quando acaba o prazer da tortura, a saturação chega a dar náusea. Tanto sangue, tanta dor. É só projetar a intenção e a realidade é alterada! Se transforma!

A motivação gera esse mundo, e quem governa deve ter mérito pra isso. Os assassinos covardes que não arrependem nunca, viverão nas repetições de seus atos, só que numa posição bem mais... digamos, desconfortável. E lembrando... sem nenhuma autoridade sobre nada!

Algumas vezes eu vi por aqui um perdão aceito e uma dívida esquecida, num acordo entre santos, mas é isso bem raro.

Pra muita gente, esse nível de realidade pode se tornar num inferno, principalmente no tempo da espera, onde muitos fogem para dimensões mais sujas, nos porões das galáxias, pelas bandas de Abadom. Dependendo da vingança vale a pena cair por lá, aprende-se muito sobre o mal.

Mas aí pode não ter volta, é onde se perde de uma vez.

Espante os corvos de sua mente!

Daqui eu só observo, pendurado como um morcego na linha entre o bem e o mal, ou vocês acham que a vida se extingue facilmente? Somos eternos, meu chapa! Não se esqueça disso! E não se engane também, há planos eternos, etéreos, de outras matérias, que os vivos desconhecem: céu, céus e acima dos céus. Lugares onde as palavras morrem e a mais pura intenção move sistemas inteiros. Névoas salpicadas de cor e luz, densas nebulosas explodindo o vazio em velocidade constante. É outro tipo de visão, não dá pra explicar... É como se fôssemos pequenos deuses, saca? Não dá mais pra falar. É inimaginável ao olho cego de vocês. E todo esse poder veio do amor.

O problema é que quando se chega aqui as coisas mudam, o poder sobe à cabeça, e logo

estamos querendo dominar tudo. Ferrando os mais fracos. Escravizando. Planetas e constelações inteiras orbitam em torno de nós. Muita tentação.

Deus anda bem longe daqui, com certeza. Eu me lembro quando cheguei, cheio de pecado e tudo mais, sabia que havia caído e agora a realidade era outra. No começo pedia perdão e achava que quanto mais eu implorasse, mais aumentaria meu poder, minha fé. A certeza de que meu Criador viria algum dia até mim e me livraria desse plano, mas não, eras e eras se passaram , assim como no mundo de vocês, bilhões de anos e nada! Ele nunca veio. Daí resolvi extrapolar. Aprendi como funciona o giro do motor. Posso me locomover a todos lugares não-existentes e decorar mundos com lembranças dos pecados alheios ou visões de um futuro funesto. Sou o que alimenta sua força. Sou o que tudo pode e quem vai me impedir? Me alimento dos pecados dos homens, de seus sonhos e violações de pensamentos, a maquinaria do caos, o berço imundo do mal. Dou-lhes a oportunidade de ser rei invisível num país imaginário, todo concretude de um devaneio, a luz desacelerada à matéria, o gosto do beijo de todos os fantasmas de uma memória em sépia acabada, tapetes coloridos estirados aos seus pés... nunca pisará o solo. Nunca provará a morte. Eu te prometo.

...

Depois que a tempestade se foi, levando embora o dragão de mil vozes, Joshua pôde finalmente dormir em paz, longe das tentações que permeiam seus pensamentos. O demônio se calou, e calado e faminto, retornou ao seu lugar à espera de novas tentações.

~~Querida Valentine~~

Estou olhando para a arma agora.

Ela está sobre o velho STEINBERG a um metro de minha mão.

Sob o pedaço de metal frio jaz um papel cheio de linhas e enigmas que somente os loucos sabem decifrar. A partitura manchada de carmesim tinto de vinho adormecido.

Ainda tenho a garrafa maldita entre as pernas. O líquido, denso como meu sangue, latente, dentro do vidro negro.

O preto e o branco embaralham minha mente. Confuso, estático; as horas passaram sobre minha cabeça.

A agulha escorre no vinil. Música número nove. Já ouço o trompete macio desencadear os primeiros acordes. A graciosa melodia de My Funny Valentine. O diabo branco toca em meu coração embora dormente. Suaves notas. Uma cadência áurea, luminosa. Chet Baker me deixa assim: melancolicamente transcendente.

... ainda há uma arma sobre o piano desafinado.

Ela é meu desassossego.

“Querida, Valentine,

Dá-me deste absinto. Este vinho amargo. Aqueça-me por dentro agora.

Estou tão frio, tão frio...

Doce Valentine, não deixe que perceba tua ausência.

Quando fores embora, leve-me contigo, e lhe darei uma preciosa canção.

Sim, apóie-se em minha cabeça querida. Durma um pouco, assim sonharemos por estas ingratis horas; por este tempo em desalento.

Deixe meus dedos percorrerem teu corpo...”

Ao fim da última nota de Chet não ouvi a surdina abafar seu insustentável agudo.

O Homem de Barro

Uma vez ouvi uma estória. Como toda estória, contava a história de uma homem – um Homem de Barro

Seus olhos feitos de pedra polida

E um coração da mais dura argila

As mãos ressecadas pelo sol e sob seus pés desgastados, via-se a terra desfeita em pó

Uma nuvem de poeira cobria-lhe o caminho – o caminho de areia

Um dia os homens de lata o viram e estranhos, estranharam o Homem de Barro

Com seus martelos e foices avançaram contra a massa cerviz, atacaram-no e mataram o pobre homem

Não satisfeitos, arrancaram suas mãos e pés e cortaram seu corpo em pedacinhos, jogando fora seus olhos

A massa disforme se estendia sobre o caminho de areia

Então, veio a chuva...

Amoleceu o barro

E passou pelo caminho um artesão. Moldou o barro

Depois veio uma criança com balas de doce nas mãos. Colocou duas balas no lugar de seus olhos

Passou também um músico entoando cantigas com sua flauta. Tocou uma canção mágica e acordou seu coração

Com os olhos doces e um coração puro, o Homem de Barro olhou para cima

E soprou o vento...

Encheu o peito com o fôlego da vida e partiu para além do caminho de areia.

E essa é sua história

New Eden

Ouve-se um sussurro por entre as folhas de metal
Lâmina que dilacera a alma
Medo com gosto metálico
Vê o verde enferrujado
Há um sinal no céu
Nuvens de bronze, chuva que arde

Ouvem-se passos no jardim prateado
E quem ouvirá o segundo Adão?
Espreita a serpente alumínica
À quem possa compartilhar o veneno
Sim, o maligno veneno que engana os homens
Pelos campos de silício ela passeia tranqüilamente

Ouve-se o ruído de motores
Acordam Bestas-Machines
Que devoram o sol
E consome a carne dos fracos
E não há quem as possa vencer
Nesta nascente manhã desperdiçada

Levanta ao Sul, donde feneçem os sonhos
A Grande Máquina do Conhecimento
Do Bem e do Mal
Oráculo, pois, do Homus-Parafusus
Arranca-lhes sangue e suor

Neste labirinto escuro Edem

Ah, mais no meio do jardim onde brotam as visões

Há plantado, a mais pura semente

O mais puro grão

Escondido distante dos olhos

Mas viva no coração

E no fim florescerá a flor da aurora

E colheremos o fruto da Árvore da Vida

Poemiz

À meia vela trêmule desgasta junto o corpo
Aquece dedos finos
Íris inflamada, pele causticada, zéfiro ardente
Sonha o lobo, peregrinação, fuga! Eis o homem, lamento, febre...cansaço.
A roda amalgama junta os trapos e gira, gira e gira. Essa é a roda do sofrimento e muitos são os que giram por ela.
Em sua veleidade sofre o homem, perseguido por seu lobo.
No caimento da noite ante o pala de Dionísio, chora bacante sem ter seu ádito secreto.
Auroresceu Gaia e o que resta-nos agora?

Sabe, Mahli, um dia te disse que a vida é maior para aqueles que a encontram em todo lugar, hoje não sei se acredito mais... Estou tão cansado.

Nono andar.

Num quarto trancado à meia luz sorrateira de uma noite abafada e triste o corpo embrulhado em lençol lacrimado espera as últimas horas do dia.

Já é noite.

A música amarga, a boca seca, os sonhos desgarrados e o hálito inflamado e ninguém quer saber. Na calçada numa esquina movimentada encosta numa jovem mangueira o velho tocador de realejo: sujo, faminto, seco, asco.

Está frio!

Abre a janela enferrujada. O corpo pesa como um caminhão de cocaína: Os olhos irritados, uma ferida que se abre na perna adormecida. Ela sorri a um passo do abismo. As primeiras moedas deslizam pela calçada imunda e a mão célere do tocador de realejo pega num relance e volta a tocar de onde parou. O som é frágil, solitário, doente, mas acalma e os mortos que passam, sonham. Sim, como os que amam e sofrem como os que vivem.

Mahli está quente.

As notas fracas, quase raquíticas, sofridas alcançam uma meia dúzia de ouvintes. A melodia doce, tonal, fácil de se recordar como as pinceladas de um Pollock falso.

O telefone toca!

É uma amiga que ela conheceu há uma semana no emprego novo. O tocador de realejo reclina as costas na árvore. Folhas pálidas alimentam esfomeados cupins. Resta uma mulher ainda que o escuta serenamente.

Mahli surge na janela!

Cabelos esvoaçados pelo vento, bela como a noite. No parapeito ela olha pra baixo de onde vinha a música. Acende o último cigarro e se lembra de Marius quando lhe perguntou o que faria em sua última hora de vida?

"Você iria escrever uma carta?"

"Sim."

"Para quem?"

Ela jamais lhe contaria.

É o último compasso. Agora as notas se deitam sob a terra fria e o silêncio parece dizer mais do que parece.

A mulher não tem nenhuma moeda.

Então achou que um beijo agradaria mais que as trinta moedas que o velho ganhou com sua música. Extasiado ele guarda seu realejo, junta os trapos e o dinheiro, sacode o chapéu e olha pra cima quando ao agradecer seus santos emudece.

Mahli se joga.

Ele se perde.

...

"O tempo é relativo, depende de um observador. O homem é infinito, venceu o tempo. O passado se funde ao amanhã e agora, o que podemos fazer? O que você é? Onde você vai estar no fim do mundo, Mahli? Eu poderia passar a eternidade contigo em meus braços e seus cabelos em meus dedos..."

O cego e o poço

Talvez mereçamos mesmo morrer, Cassius.

Esta talvez não seja a nossa vida.

Suportamos mais que podíamos e não foi breve a nossa dor.

Caminhamos arrastados, fracos, quase mortos por essas pedras flutuantes.

Você quer saber aonde chegamos e eu não tenho resposta.

Eu não sei.

Só o silêncio será nossa testemunha.

Sim, a testemunha muda de nosso fracasso.

Não sinta medo, você é como eu.

Hoje não temo mais nada, entre eu e o resto há somente o poço vazio, escuro e silencioso.

A minha sombra já se foi e juntou-se às outras no profundo abismo.

Ainda resta eu – o corpo paralisado, sem alma, sem olhos. Mas vejo o poço, Cassius... E elevê a mim, e ambos se conhecem há tempos dos tempos.

Talvez isto esteja escrito no livro negro que fora aberto hoje, só que você não viu.

Eu vi!

Eu vi você morrer, Cassius!

Adeus!

Monet, simplesmente, um olho

"Numa manhã, faltou a um de nós o preto, e daí usou-se o azul: nasceu o impressionismo"

Renoir

A alma do artista é casta como castos são os seios de Íris em sua pétala de copo de leite, alvura leitosa e doce. Suave contorno de impressionista de coração ao cunho deflorando matizes, borrando vermelho e luz, o nirvana amarelo. A cor tem suas próprias razões, ela rompe as nítidas exigências da linha. Monet buscava a verdadeira realidade por trás da aparência visual esticando a cor até seu limite para descobrir os fundamentos do mundo.

A pintura deve registrar as tonalidades que os objetos adquirem ao refletir a luz solar num determinado momento, pois as cores da natureza se modificam constantemente, dependendo da incidência da luz do sol. As figuras não devem ter contornos nítidos, pois a linha é uma abstração do ser humano para representar imagens. As sombras devem ser luminosas e coloridas, tal como é a impressão visual que nos causam, e não escuras ou pretas, como os pintores costumavam representá-las no passado. Os contrastes de luz e sombra devem ser obtidos de acordo com a lei das cores complementares. Assim, um amarelo próximo a um violeta produz uma impressão de luz e de sombra muito mais real do que o claro-escuro tão valorizado pelos pintores barrocos.

As cores e tonalidades não devem ser obtidas pela mistura das tintas na paleta do pintor. Pelo contrário, devem ser puras e dissociadas nos quadros em pequenas pinceladas. É o observador que, ao admirar a pintura, combina as várias cores, obtendo o resultado final. A mistura deixa, portanto, de ser técnica para se óptica. Pronto, abra a porta e saia para ver o sol.

O que um cego pode ver numa tarde aguacenta de abril? Sólidas gotas de diamante aos porcos chauvinistas. Coléras de pérolas numa gaiola de ouro abaulada sem voz e ninguém. Como pode um cego tingir gotículas douradas numa mente branca que desperta, pôr-do-sol em vermelho lúgubre degradê acentuando ao fundo o fim do

mundo onde as marquises são derrubadas.

Paris, 1874 - I Exposição dos Impressionistas

Tarde fria de abril, ateliê Murice Nadar

Camille os contara estavam todos do grupo original, Renoir, Sisley, Degas, Manet, Pissarro e Monet.

Talbot desenvolveu um processo denominado calotipo que produz um negativo em folhas de papel cobertas com cloreto de prata, ensinou os homens a desenharem com luz, formas catalisadas dentro de um maquinário fotográfico, aprisionando a imagem dentro de um pote de realidade à perdurar pelos séculos, num tempo capturado dentro de um feixe luminoso, a câmera negra não refletia a luz, na pintura o artista estava livre para expressar suas impressões nas telas simbióticas, se as sombras parecem estar ficando mais escuras, é porque a luz que as projeta está se intensificando. O espelho, aparente verdade, esconde a luz desacelerada, condensada, materializada, confinada num espaço tridimensional, o feixe preso dentro de um labirinto de espelhos.

Monet pintava ao ar livre, privilegiando a luz natural para registrar as tonalidades que os objetos adquiriam ao refletir a iluminação solar, o que concedia imagens luminosas e coloridas da realidade a seus quadros, uma decomposição do real, a luz é utilizada como o elemento de construção da realidade, pontos de luz estruturando a imagem, em uma mimese do funcionamento biológico da visão.

Os críticos franzem seus narizes: Impressão, sol nascente, As papoulas silvestres, Campo de amapolas, Cézanne bradou ao fundo, "Simplesmente um olho, um olho! Mas que olho!" Todos riram, exceto Emile Zola que escrevera inúmeros textos defendendo Monet. "A arte impressionista é a mais moderna de nossa época Senhor Cézanne, dizem que o cubismo é passageiro, quase demodê na América." "Não é o que dizem de Picasso meu caro." Louis Leroy, crítico de arte francês em frente uma tela de Monet: "Impressão, Nascer do Sol" – "eu bem o sabia! Pensava eu, justamente, se estou impressionado é porque há lá uma impressão. E que liberdade, que suavidade de pincel! Um papel de parede é mais elaborado que esta cena marinha." Novamente gargalhadas...

"Eu não sou um grande pintor, um grande poeta. Sei apenas que faço o que posso para expressar o que sinto em frente à natureza."

Uma voz vinda de fora do salão, emergente, como estivesse à espreita, pronta a abocanhar.

"Senhor Monet então explique-nos que novas formas seu movimento traz às galerias parisienses?"

"Em todas as coisas reside luz, energia, vida! Não peçam que retrate vossos ídolos, maçãs podres sobre mesas, ninfas e cartomantes, deuses e demônios, há beleza luminosa suficiente numa poça d'água refletindo como num caleidoscópio de cores o prisma holográfico de um arco-íris."

E foi-se.

"Conhece a História de Santa Isabel de Hungria de Montalembert?"

"Não, como é?"

"Um maometano, preso pelos cruzados, recebeu licença de viajar pela Europa. Conheceu catedrais medievais, e perguntou quem as construíra. Mostraram-lhe o irmão leigo de um convento, e explicaram-lhe: "Esses são os homens que constroem tais monumentos". Observou então o islamita: "Como podem homens tão humildes construir edifícios tão altivos? Essa pergunta sintetiza a alma católica: humilde quanto a si mesma, mas insaciável de glória para Deus. Nesse templo religioso, a glória de Deus é cantada por uma flecha que, simbolicamente, atinge um píncaro mais alto que todos os edifícios. observe seu enorme pico para o céu. A torre vai se adelgacando, e dir-se-ia que a sua ponta vai se transformando em céu. A tal ponto que não se sabe bem se a ponta é mais ar do que terra, mais luz do que pedra. Demonstra uma vontade de subir, reflete uma elevação de alma. Símbolo da Igreja e da sociedade temporal católica. A Igreja paira acima de tudo. Ela e a Cristandade cantam a glória de Deus."

"Acredita nessas bobagens?"

"Não sei ao certo, quem sabe?"

"Quanto vai receber do papa pelas telas?"

"Seria de graça se ele tivesse olhos."

"Ainda restam quantas telas da mesma paisagem vazia?"

"Enquanto houver sol estarei pintando. Veja esta...A Catedral de Rouen. A Fachada, Sol Matinal"

"Será este o nome?"

"Sim."

"Vi que repete de quadro para quadro a estrutura da composição, fazendo variar a atmosfera e o carácter da luz que sobre ela incide, uma ótima forma de fugir da repetição."

"Observe a fachada do mesmo local, apresenta visões separadas no tempo, fixando-se nas notáveis características escultóricas do objecto."

"A luz parece modela-lo numa transitoriedade e inconstância que o escapa-lhe a cada momento. Descobriste a chave para ultrapassar essa impossibilidade, a invenção da luz!"

"Riste ironicamente amigo, onde pretende chegar?"

Os efeitos ópticos descobertos pela pesquisa fotográfica, sobre a composição de cores e a formação de imagens na retina do observador, influenciaram profundamente as técnicas de pintura dos impressionistas. Eles não mais misturavam as tintas na tela, a fim de obter diferentes cores, mas utilizavam pinceladas de cores puras que, colocadas uma ao lado da outra, são misturadas pelos olhos do observador, durante o processo de formação da imagem. Monet alugara este apartamento para colocar suas 50 telas para que pudesse pintar e em diferentes horas do dia a mesma paisagem, A Catedral de Rouen.

Edição de 25 de Abril de 1874, Jornal Francês Le Charivari

"A Exposição dos Impressionistas"

"Oh, que dia terrível aquele em que me arrisquei a ir visitar a exposição do Boulevard des Capucines, para fazer companhia ao senhor Joseph Vincent, paisagista, aluno de

Bertin, pessoa homenageada e condecorada por vários governos. Coitado dele, que ia com as melhores intenções; julgava ir ver pintura como se vê por toda a parte, boa ou má, mais má que boa talvez, mas não atentatória dos bons costumes artísticos, do culto da forma e do respeito dos velhos mestres.” Louis Leroy

"Leste a matéria?"

"Não me importa os críticos, importa a captura da luz. Foste na exposição em Paris?"

"Sim, quero perguntar-lhe."

"Diga."

...a efervescência de um azul, cor fria renascendo ao fim da tarde, onde o sol tinge o espaço anil diluindo um crepúsculo luxuriante sobre os homens.

1873,

Caminhamos por um jardim em Argenteul onde pequenas ninféias se deliciavam na água refrescante de um breve lago.

"Se sair para pintar, não se esqueça que cada uma das folhas duma árvore tem a importância dos traços do seu modelo".

Durante os meses de verão Monet levantava-se muito antes do sol nascer, para registrar em seus quadros aquele momento da aurora em que o céu mudava de cor e a névoa ainda pairava sobre o rio.

"Como vê essas flores?"

“Estas paisagens refletidas tornaram-se para mim numa obrigação que ultrapassa as minhas forças, que são de um velhote. Mas, mesmo assim, quero chegar ao ponto de reproduzir aquilo que sinto... e espero que estes esforços sejam coroados de êxito.”

"Não me respondeu..."

"Piçadelas à crayon e guachem um ábaco de cores à óleo, amarelo e carmesim dando lugar aos tons pastéis esparramados pela paleta de azulejo natural, tento capturar a

verdadeira impressão da luz. Vejo petálas de um vermelho intenso meu amigo, lívido como o sangue em suas veias."

"Dizem os jornais que está ficando cego Monet e que seus quadros ganharam essa variação de cores devido sua fatalidade."

"A cor nada mais é que um mero reflexo da luz, do que adianta perceber deste ou daquele jeito, o que vemos é um reflexo, a falsa aparência."

Café Guerbois, Paris - Matéria - Le Charivari

"Os impressionistas, de facto, optam por momentos de festa, os passeios nos parques e boulevards, as tabernas e restaurantes ao ar livre, e, também, as paisagens repletas de luz solar. São representados momentos de alegria, cor, luz e movimento. Contudo, são situações em constante mutação, pelo que se torna ambíguo, uma vez que, nos seus quadros, a síntese de luz e cor torna os contornos flutuantes e esfumados, pulveriza a forma, fragmentando constantemente a visão em mil pinceladas resplandecentes de cor. Estes artistas deixam os seus ateliers e vão pintar ao ar livre, sur le motif ou en plain air, como ficou conhecido. O seu filtro é a percepção subjectiva da cor e luz. Concluem que a luz do sol não é compacta, então, tentam decompor as cores. Estas, agora em tubos, já não são misturadas na paleta, mas usadas a partir do tubo. Usam pinceladas pequenas e nervosas, rápidas. As cores são fortes e puras. O objectivo é elas misturarem-se aos olhos do espectador. Desta forma, os objectos retratados vão dissolver-se, destacando-se as iluminações. Muitas vezes, os objectos são identificados pela sua cor e não, propriamente, pela sua forma."

"Fui vê-lo ontem."

"Como está."

"Bem, mas a artrite piorou, disse que pintaria até o fim da vida, Richard Gieino me contou que o viu amarrar à mão o pinçel pela dificuldade em segurá-lo."

"Ele terminou a escultura?"

"Sim, O Julgamento de Paris, obra em bronze. Diz que quer vê-lo, sente muito sua falta e de Camille."

"Amanhã poderei vê-lo, ainda estou cansando da viagem. Mas como essa cidade mudou, no outono as dálias costumam mudar para um alaranjado florescente, vívido como o girassol."

"Sim meu amigo, tão vivas como este dia!"

Monet teve catarata no fim da sua vida, a doença o atacou por causa das muitas horas com seus olhos expostos ao sol, pois gostava de pintar ao ar livre em diferentes horários do dia e em várias épocas do ano, o que foi outra característica do Impressionismo. Durante sua doença Monet não parou de pintar, usou nessa época de sua vida cores mais fortes como o vermelho-carne, vermelho goiaba, cor tijolo, entre outros vermelhos e cores mais fortes.

Em 1911, com o falecimento de Alice e seu problema de visão, Monet perdeu um pouco a vontade de viver e pintar. Sua vontade só seria animada com a amizade de Georges Clémenceau, que lhe escrevia cartas de apoio.

Monet morreu em 1926 e está enterrado no Cemitério da Igreja de Giverny, Eure, na Haute-Normandia.

Quando Clemencéau retirou a bandeira negra que recobria o caixão do velho amigo, inclinou-se e a substituiu por uma cortina florida dizendo: "Nada de preto para Monet".

Jhacob Midon e o daemon Üriel

Buenos Aires, oito e quarenta e cinco da manhã

Jhacob Midón se mistura aos vultos que se aglomeram na estação central de La Santa Nice. Desce os degraus que o conduzirá ao indivisível e extraordinário território dos gigantes metálicos que devoram a terra abaixo dos pés dos poderosos. O que estou pensando?! Concentre-se Jhacob não perca o trem, não se atrase, não estrague tudo de novo. Corredor laranja, parada na estação quatorze. Quatorze é o dobro de sete, número da perfeição, o número de Deus. Üriel sobre o vagão meditando nas meditações de Cartesius: "...e se existisse algum demônio malévolos que durante minhas compreensões matemáticas usasse todo o infortúito afim de me enganar levando-me a crer em deturpados resultados, assim o valor para uma simples equação como dois mais dois será sempre cinco. Com isso, a dúvida ainda é minha maior aliada..."

O vagão está lotado, Jhacob se arrasta até a porta esperando a próxima parada. Há um velho profeta predizendo coisas temerosas, como um cego atalaia na Babilônia. "O fim é agora, arrependam-se, arrependam-se por não viverem suas vidas, vós sóis chamados para o amor e onde estais?! Nessa jaula infame, presos pelas janelas envidraçadas da cobiça. Vós que só pensam na glória dos homens, desprezais a justiça e o caminho da paz. Vejam vossos corações que se despedaçam a cada inverno, inimigos do tempo! Não observais os pássaros do céu que não plantam ou colhem e nunca nada os faltou..." Üriel se lembrara do nazareno sobre o Monte Hermom, as palavras continuam doces e verdadeiras, ele desce até o ancião dos dias para ver de onde vem o sopro em seus ouvidos. Jhacob se vira...

Miríades de cores refletidas num grande espiral como um vórtice de fogo num caleidoscópio de glória, o caminho afogueado em pedras flamejantes donde vem querubins cintilantes, um prisma de multiformes luzes.

Quem vem lá? Bradou Üriel, o demônio. Sou Salatiel vosso servo, Mercador de Sonhos meu senhor. As pessoas se amotinam sobre as outras, o vagão disparado engole a escuridão percorrendo sua trilha sob à superfície. Donde vens Salatiel, filho da luz? De Midgard meu príncipe, das regiões de Ur do Caldeus, estava à arpejar uma lira em um círculo de ladrões ao sul, lá havia um mancebo chamado Jacó. Li a respeito,⁶

querubim de fogo. Lembro de tua escada de anjos que beijava a terra e o céu, nobre sonho. E que o traz aqui Salatiel, por estas terras estranhas e distantes?

Jacob fecha os olhos por uns cinco segundo e quando os abre novamente a visão luminosa continua. O velho diz, "...a terra está sem forma e vazia, os corações estão tristes e confusos, as ruas solitárias, a esperança caminha sozinha ao ermo numa estrada abandonada. E o que se ouve são lamúrias de pobres crianças em prédios abandonados à fraca luz tardia. Sabeis onde vais? Sabeis o que vos aguardam na próxima parada donde divagantes peregrinam pelo abismo? Sede sinceros em vossos deleites, desejais os céus e cobiçais a terra, o que quereis para vossos filhos, a ansiedade de suas almas ou a quietude de vosso espírito?"

No ouvido do velho Salatiel entoava uma canção adocicada com o mel da mansidão, a calma de um coração puro que se agrada no silêncio. As palavras flamejantes ganhavam vida a cada inspirar, Jacob segurou forte na haste aluminica e chorou como os que choram no segredo de suas almas. Uriel beijou o Mercador de Sonhos e voou para cima para se alimentar de luz enquanto todos no vagão continuaram sem enxergar nada.

Ninguém vê nada.

Dentro do sonho de um demônio

CENA I

As imagens serão passadas como fotografias animadas de filmes em preto e branco antigo mudo. A legenda com as falas irá se sobrepor às imagens. As imagens vão surgindo mediante descrição do narrador.

NARRADOR

Londres, dez da manhã. O dedo de Emily Sans escorre pelas gotículas na janela orvalhada. O alvorecer é tão cinza quanto seus olhos. Há força nos dedos amarelos para um cigarro canelado. A xícara quente, pendurada na outra mão se move num desequilíbrio controlado. A calma é tensa e o café é amargo.

EMILY

“Bom dia Üriel! Estou sofrendo.”

NARRADOR

Ela diz ao Daemon Uriel pendurado no teto.

URIEL

“E quem não sofre, Emily? Não há paz na terra há muito tempo. Veja o amanhecer nos campos, é tão claro. Vá, Emily, corra para colher as primas do outono. Os dentes-de-leão já vestem solo casto. Girassóis numa dança luminosa, pétalas violetas desnudadas e você, dentro dessa casa escura...”

Mas há um lugar para Emily Sans, um lugar no mundo.”

NARRADOR

Ela pensa em muitas coisas, vai conhecê-la e gostar dela, de seu canto, de suas coisas, de seu peixe sonhador e seu aquário dos sonhos.

URIEL

“Olhe à sua volta Emily, o que vê?”

EMILY

“Vejo homens como árvores.”

NARRADOR

Üriel sabe que citou o Evangelho e não se importa. Não se importa porque é verdade. A inércia dos corpos nus nessa insólita paisagem, negrume onde tomba o firmamento do mundo, onde vive Emily Sans, cercada na infinidade de pensamentos que se repetem e repetem, dia após dia, abaixo da pele fria.

EMILY

“Tenho febre Üriel, mas sinto tanto frio.”

URIEL

“Por enquanto, guarde seus temores para mais tarde, senhorita Sans. Vamos sair daqui, tenho sede.”

EMILY

“E para onde iremos?”

URIEL

“Onde floresce a genialidade, o berço de toda a criação, a raiz da transcendência. Lá, onde plantaram a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Venha! Vamos à adega de SideRiver onde o jovem inglês encontrou seu Othelo e Blake seu Asmodeu.

*Microconto feito para a atividade literária da Oficina E-TL no Orkut, onde os contos selecionados decorariam pratos de porcelana num restaurante imaginário do escritor português José do Espírito Santo.

Lhia e Uriel

Cidade de Istambul, Turquia.
Hagia Sophia, onze da noite.

Lhia ainda não se acostumou a escuridão do corredor que dava acesso a biblioteca. Ela derramou o óleoda lamparina em sua célebre e furtiva fuga dentro do templo da sabedoria de Constantinopla, construída num espiral de tijolos e argila egípcia anuncia a grandeza da cidade chamada de Maçã de Prata, Constantinópolis (em grego: Κωνσταντινούπολη).

Acima se vê as estantes de ébano onde repousam antigos manuscritos assírios. Lhia é copista, lhe cai o dever de transcrever do original “As Categorias” de um jovem filósofo grego. Cada fólio original media 30 centímetros de comprimento por 19,5 de largura. Folhas de pergaminho elaborado a partir da pele de vinte e quatro ovelhas. A cidade está sitiada pelos Cruzados. A destruição é eminente.

Üriel, o daemon de Lhia se pendura num imenso candelabro de bronze e começa a balançar pra lá e pra cá – “Porque se preocupa tanto com esses livros?”

“Só há um original, se eu não copiá-lo é possível que se perca para sempre.”

“Perder? E daí? Os homens são todos iguais, outros escreverão por ele.”

“Você não entende, essa é a única fonte de conhecimento que temos. Quando se destrói uma obra, uma parte do autor se vai com ela, as próximas gerações nunca o conhecerão.”

O demônio salta até a mesa de Lhia, se debruça sobre velhos papiros e pega uma maçã do capote empoeirado – “Lhia, deixe isso de lado. Lhe garanto que essa empreitada para nada valerá. Nesse momento nos portões de sua cidade, milhares de soldados dominados pela santa cegueira se preparam para queimar todo o lugar. Não restará nenhuma página de seus livros. Para quem guardará o conhecimento se um novo Império reduzirá o mundo à ignorância e servidão?”

“Se você soubesse o que está escrito...”

“Então me diz o que é? Eu não preciso nem quero saber ler.”

“Segundo o filósofo:

As palavras sem combinação umas com as outras significam por si mesmas uma das seguintes coisas: o que (substância), o quanto (quantidade), o como (qualidade), com o que se relaciona (relação), onde está (lugar), quando (tempo), como está (estado), em que circunstância (hábito), atividade (ação) e passividade (paixão). Dizendo de modo elementar, são exemplos de substância, homem, cavalo; de quantidade, de dois côvados de largura, ou de três côvados de largura; de qualidade, branco, gramatical; de relação, dobro, metade, maior; de lugar, no Liceu, no Mercado; de tempo, ontem, o ano passado; de estado, deitado, sentado; de hábito, calçado, armado; de ação, corta, queima; de paixão, é cortado, é queimado". (Categorias. IV, 1 b)

“Porque elevar certas ações humanas a exagerada complexidade, pois se mostra tão previsível? – Retrucou o demônio – A compreensão do mundo não lhe mostrará o significado das coisas além, a Metha. É um grande labirinto, um eterno círculo. Não se aprofunde nessas questões, Lhia. Só é possível enxergar o céu com os olhos fechados, com os olhos de dentro.”

“Você o conheceu, Uriel?”

“Quem?”

“Ora quem... O autor é claro!”

“Sim. Ele me disse uma vez sobre a alma”:

Ao considerar o conhecimento como se encontrando entre as coisas mais belas e dignas do maior valor, sendo umas mais penosas do que outras, quer em virtude do seu maior rigor quer em virtude de dizer respeito a coisas mais belas e elevadas, decidimos, devido

a essas duas mesmas causas, considerar toda a investigação respeitante à alma como sendo de importância fundamental.

“E como ele viveu?”

“Cobiçando o céu!”

Chambala

... atravessei a ponte de todas as manhãs. Caixas metálicas passeavam por ela pra lá e pra cá. Os mortos-vivos marchavam rumo a cidade esfumaçada como formigas em fila indiana. O sol febril angustiava os olhos e o vento siroco trincava a pele e roubava-nos o ar.

Cheguei à Casa das Máquinas. Bati com força nos imensos portões largeur feitos de puro bronze - abriram-se - então, entrei.

Deus é uma Máquina. Pneuma Machine. Destroi os adoradores de Moloch. Quem são os Fantasmas na Máquina? Estamos vivos no sonho do Eterno. Enquanto chora alimentamos o solo de nossas ilusões; quando ri, entorpecemo-nos de esperança.

[Gaya fora exposta ao método. Cartesius a mediu palmo a palmo e somou os seus lados - equilátero. No fim, enquanto dormia, Abadom o enganou em suas medidas, levando-o a crer no engodo malévolio. Desde então, o mundo se tornou dividido.]

Pela manhã os homens de Etka descobrem a máquina da deslembraça
A tarde perdem suas memórias
Quando a noite cai, esquecimento.

As Vozes

Ô doces vozes de Shamballa que guiam minh'alma... Cantai um alegre canto e despertai os homens de seu profundo sono. Trazei o ünguento de aloés e mirra pelo vento e pétilas de crisálidas pelo rio.

Então suspirarei e tornarei a tocar minha flauta de pinho doce. Tocarei ao sol como quem sonha e dançarei ao redor do lume numinoso até o tempo lúgubre do crepúsculo.

Soprai o celeste minuano, doce vozes, com o aroma campestre adocicado pelos deuses.
De Shamballa ouve-se o som como de um rio em seu eterno fluir."

O Barqueiro

À margem do rio Tártaro na lúgubre terra de Limbo, estava o estranho à esperar. Um tanto perdido e confuso olhava as águas turvas do rio desejando sua vida lembrar. Tendo duas moedas de douradas nas mãos, roupas fúnebres cobrindo o corpo, descalço de alma cansada, aguardando o barqueiro chegar.

" Ó vil barqueiro das águas lacrimais! Apressa-te ao encontro desse peregrino de vis flagelos que tanto almeja à outra margem do rio negro chegar! Venha, terrível remador da Barca dos Homens! Tu, com seus remos nas mãos e que conduz esse maldito barco por essas águas cor de ébano. Venha maldito!

A desesperança me assola, todavia, o medo não existe mais. Tenho um flagelo na alma e duas moedas nas mãos, que serão dadas a quem me levar à outra margem. A salvação me aguarda ao lado da Fonte da Vida. Diga então vil barqueiro, qual o preço cobrarás para levar-me em teu barco?"

Acalanto

Dê-me teu corpo para que me aqueça / Dê-me teu cheiro para entorpecer minha dor /
Teu suor em minhas feridas como bálsamo que cura

Teus beijos enebriando meus sentidos / Como álamo que acalma / Como Mirra que perfuma / Absinto que purifica

Assim, sinto você mais perto...

Mil gostos e cheiros. Fragâncias e aromas. Doce e suave / Teu corpo macio, tecido com
linho fino / Esculpido como pedra-sabão

Dar-te-ei minha alma amor, mas, por favor... / Dê-me teu coração para que eu

ame,

Até o tempo do fim.

Casa de Morfeus

Seth desejou em seu íntimo não viver mais. Ao menos, pelo tempo da esperança voltar.

Subiu na alta colina das nuvens cinzentas levando consigo um espírito cansado e uma alma que se arrasta. No alto do monte logo avistou a casa do deus do sono, com suas portas de Líbano e seus umbrais prateados. Abriu a porta, entrou e tudo se tornou escuro.

Despertando

DIÁLOGOS

“Quem é você?” – Indagou o porteiro da casa do deus do sono. Pietro apresentava o cansaço e a desesperança. Tantos anos na ilha, perdido quando todos os amigos foram embora. Os cabelos sujos, encrespados, o olhar triste.

“Sou um que deseja passar por esses portões, sou Pietro de Tessália, filho de Gezed da casa de Zus. Há tempo nessa ilha procuro por esta casa. Sou convidado do sacerdote de seu Senhor, portanto deixai me passar e lembrarei seu nome a ele.” – Pietro respondeu à entrada do pórtico.

“Eu te observei pelo alto em nuvens espelhadas. Não foste diferente dos demais, nem por um segundo. Não há nada que nos surpreenda, apenas o começo.

Meu nome é Átima, crescemos juntos correndo pelas planícies da cidade dos montes azuis, Pietro. Eu te escolhi, minha hora já chegou, posso dormir novamente. Venha, abrirei a porta.” – Disse o sacerdote.

“Não recorda meus olhos mas permanece em minha memória teu nome, Átima, sim, lembro de teu pai, Progônatas. Üriel me guiou até aqui, vim pela promessa de melhores dias, que o astro de fogo varra as trevas em meu espírito e

“Quanto tempo deseja permanecer, Pietro?”

“Até que minha esperança volte.”

“E quando acha que ela retornará?”

“Quando o céu voltar a ser límpido como antes e eu não sentir mais medo de acordar.”

“Muitos aqui querem dormir para sempre. Seth sabe disso. Eles não desejam mais acordar.”

“Enquanto houver medo de viver não vale a pena acordar. A vida se torna um túmulo aberto.”

“De quem está fugindo, Pietro? Todos os que entram aqui estão fugindo de alguma coisa.”

“Fujo de meu amargo destino. Por favor, Senhor do sono dê-me um sonho onde a vida seja bela como a aurora e leve como o falcão.”

O feiticeiro invocou a Seth. Fechou os olhos de Pietro que deitado sobre o mármore negro como o ébano, ouvia palavras recitadas numa língua morta, esquecida.

Morfeu, o deus do sono segurou uma ampulheta e a quebrou derramando areia branca nos olhos de Pietro – Areia do Tempo.

E ele dormiu num sono de sonhos eternos.

E em seu íntimo desejou dormir para sempre.

Coleção de microcontos escritos em 2005 inspirados na leitura de cartas suicidas verídicas.

. Bellona .

Ao som de Elliot Smith / Alphabet Town

Cena I

"...a pergunta não é quem sou, e sim o que tenho que fazer?"

Idiotas! Não podem me ouvir... Está tão frio essa noite que só penso em voltar ao meu androceu. A necessidade me compunge a relatar as horas errantes dos viventes. Sou aquele que vê, ouve e não toca, não sente... apenas escreve. Sou aquele que relata, mas não me peça conselhos! Eu não lhes daria se tivesse...

Primeiro de Junho

A primeira caixa metálica transeunte passara e com ela os viventes adentro à procura de luz. As oito horas e dezessete minutos ela adentra ao vagão mal iluminado, o sol ainda não dissipara as nuvens cinzentas. E ela estava ali, completa, como os dias de antes. Veste-se como sua alma. Um mantéu tingido em tons cortelha estendia sobre suas pernas, contrastando com um cacharel áscua densamente aveludado afim de aquecer-lhe o corpo. Tirou o baldréu. Os dedos áureos e singelos tocavam a superfície gélida do poste para lhe dar equilíbrio enquanto sentava fadigando um ar álgido. O cabelo cor da flor do cardo caia ao ombros enquanto tirava Montaigne da scarsella cernada. Jamais repetira uma peça sequer durante esses vinte e um dias.

E eu notara isso. Assim como notara sempre o livro aberto. Me achego perto como sempre. Página quarenta e um do primeiro volume dos Ensaios. Ela estava à conhecer o medo segundo a Rapsódia de Montaigne:

"Não sou muito versado no estudo da natureza humana e ignoro o medo como o medo atua em nós. Certo é que se trata de estranho sentimento. Nenhum, afirmam os médicos, nos projeta tão precipitadamente fora do bom senso. E em verdade vi muita gente tornada insensata pelo medo. Mesmo entre os mais assentados, provoca ele terríveis alucinações. (...) O medo põe asas nos nossos pés. (...) O medo é a coisa de que mais tenho medo no mundo. (...) Quantas pessoas, atormentadas pelas fustigações do medo, não se enforcaram, não se afogaram ou se atiraram em precipícios, demonstrando ser o medo mais importuno e insuportável que a própria morte."

O que ela vira em Michel Eyquem que não encontrara em si mesma? Enfurnado em sua biblioteca no terceiro andar de uma torre arredondada em algum castelo no Périgord,

interior da França; ali se escondia de seus medos. E ela não se escondia nos Ensaios? Chegara a Horácio na página quarenta e sete: "Pensa que cada dia é teu último dia, e aceitarás com gratidão aquele que não mais esperavas."

À abscissa distância sinto o olor alcíoneo de seu corpo, banhado com crisma - candela para meu numen. São trinta e dois minutos de abstracção. Cerra o livro. Com uma lã de alpaca limpa os óculos - lentes translúcidas; calça as luvas, tardívago se levanta e põe-se próximo à porta sem notar que observava seu mais oligístico movimento. Uma minimidade de alvura em cada gesto e candura nos olhos rúbeos. A porta se abre; uma torrente algor lhe acaricia os cabelos, delineando formas quase letárgicas aos pobres moribundos por amor. Eu, com minha autolatria abalada, sucumbi à musa; desalentei-me quase por inteiro ante sua numinosidade.

A metálica caixa abrira e o minuano gélido arrasta os corpos pra fora.
Me detengo, vendo-a partir pelas portas alumínicas. Como sempre, à direita na trinta e dois em rumo à S.T.T.H.
As rodas se movimentam. Eu me sento. Ela se vai. Tudo sempre igual.

Os dias são cílicos. Um ciclo complexo, como uma cadência melódica de Miles Davis. Tudo retorna para um fim. O fim é o início e o fim. E tudo muda. Transitoriedade da alma, da vida, da música. E em nosso lugar, sozinhos, contemplando esse movimento sentimos atraídos à ir, à mudar junto com o resto. A minha é cíclica como a Samsara budista. Samsara tem o sentido literal de "perambulação". Muitas pessoas pensam que esse, o seu mundo é o lugar mais importante em que se vive no momento " o lugar seguro", mas nos textos Budistas mais antigos samsara é a resposta, não para a pergunta, "Onde nós estamos?" mas para a pergunta, "O que estamos fazendo?" Ao invés de um lugar, é um processo: a tendência de ficar criando mundos e depois se mudando para dentro deles. À medida que um mundo se desintegra, você cria um outro e lá se instala. Ao mesmo tempo, você dá de cara com outras pessoas que também estão criando os seus próprios.

Onde estou indo?! Drogas! Errei o ponto mais uma vez...!

A vinda do Ícone

Assim que Deus pisou na Terra, precisamente sobre o topo do Empire State Building, (acho que Deus imagina que o prédio ainda é o mais alto do mundo, ele está atrasado apenas uns 30 anos) descendo do céu com toda a pompa e glamour profetizada em inúmeras culturas e livros e tradições orais, os religiosos suspiravam de alívio e gritavam e choravam e rasgavam suas roupas, arrancando sangue do próprio corpo, ajoelhando sobre brasas, quando o viram descer lentamente numa nuvem dourada.

Trovões e raios e um eclipse solar, o script fora perfeito. Nada de anjos! (nada contra os anjos, sabe... só acho que eles ficariam um pouco deslocados naquele cenário assustador com aquelas asinhas brancas e carinhas mimadas de "não me toques") Não, Deus estava só. Todos os olhos estavam na tela da televisão ou na Internet ou nos terraços de seus próprios prédios (para alguns sortudos).

Era o momento mais importante para a raça humana. Seriam respondidas todas as questões conspiratórias: o propósito de nossa existência, a nossa origem e futuro e a razão de nosso sofrimento (e se me deixassem perguntar alguma coisa, eu só queria saber sobre... Hum... Pensando bem... Não to muito a fim de saber nada não. A vida toda nunca me importei sobre o que a religião dizia de Deus, ele nunca me fez falta pra nada, não seria agora que iria fazer alguma diferença ou efeito, de qualquer forma, fiquei atento ao evento, não tinha nada a fazer mesmo e o mundo inteiro havia parado).

Então, vieram os militares e o levaram para a sede das Nações Unidas insistindo que Deus deveria se pronunciar oficialmente a todo o planeta. (A vantagem de ser Deus numa hora dessas é poder fazer o milagre da glossolalia para que todo ser humano o entenda em seu idioma nativo.

Inicialmente, Deus ia respondendo às indagações de filósofos, cientistas e líderes de governo. Depois vieram os religiosos e suas especulações farisaicas e em seguida os ateus. As horas se passavam e Deus não se cansava de responder a tudo que lhe perguntavam, Ele parecia estar em casa, de pé sobre a tribuna principal, centenas de câmeras e microfones na sua cara. De casa, pela TV pude perceber que uma gota de suor descia de suas têmporas dando sinal de cansaço, mas Ele não parava. Respondia, conversava, explicava as distorções que os homens escreveram acerca de sua personalidade e poder. O público suspirava com as explicações metafísicas sobre a

matéria, a luz, o micromundo em nossos corpos, supernovas antigas... (engraçado, imaginava Deus como um personagem de quadrinhos de ficção científica de um planeta bem distante, talvez com uns cem olhos de fúria e fogo saindo da sua boca ou sei lá, um gigante ser como "Galactus", o "Devorador de Mundos", mas Deus me surpreendeu! Tirando a magnificência de sua chegada, o Todo Poderoso se mostrara bem humano, simples e discreto, vestido socialmente com paletó e gravata e sem espadas flamejantes tampouco auréolas luminosas. Barba bem feita, olhos castanhos, cabelos pretos com alguns fios grisalhos, aparentava ser um homem de uns 40 anos de idade. Nada de barba longa e branca e semblante sério. Deus sorria para as crianças, contava piadas pra quebrar a tensão e se mostrara amável com todos, e foi aí que um ateu lhe tirou a sobriedade quando em fúria perguntou, o que Ele estava fazendo aqui na Terra depois de tanto tempo que vagamos solitários envoltos em nossa mísera condição suportando a morte e a guerra, santas fogueiras de destruição; profano ódio indiscriminado, assassinatos, corrupção, mentiras, fome e doenças, calamidades e toda espécie de tortura física, mental e espiritual, totalmente sozinhos, enganados por falsos profetas e falsos Messias com ilusórias promessas de uma melhor vida futura, onde livros forjados como sagrados em concílios mentirosos ditavam as regras desse jogo malfadado da fé!

Onde Deus estava durante todos esses milênios que aprendemos a ser quem somos e a aceitar nossa situação no Universo. Não precisamos de você, Deus, não agora. Você chegou muito tarde.

Foram as últimas palavras do ateu quando se virou para a saída dando as costas ao Criador do Universo e tudo o mais. O auditório se silenciou por completo, Deus pareceu não acreditar no que havia acontecido, embora sua onisciência já o previsse sobre aquilo, ele apenas se deixou levar pelo sentimento de reflexão e abaixou sua cabeça e depois de um longo tempo e um profundo suspirar, Deus abriu os olhos lacrimejados e não havendo nada melhor a dizer, apenas soltou:

"Perdoem-me, meus filhos, eu estava apenas em meu descanso, hoje não é o oitavo dia?"

E daí todos caíram na gargalhada aliviados porque Deus tirara apenas uma sonequinha de um dia.

08/09/2010

*Conto escrito para o desafio da Oficina Literária virtual **Bad Books Don't Exist***

DESAFIO: *Imaginem que Deus o criador dos humanos (não interessa a religião em concreto) sente chegada a hora de revelar sua existência de uma maneira explícita e objetiva a toda a raça humana. Escrevam um texto sobre como o fariam e o que diriam. O texto pode ser inclusivamente a mensagem final... Sem limite de palavras ou de tempo.*

A dama dos campos de dentes-de-leão

Ela estava sentada, colhendo dentes-de-leão, debaixo do grande ébano florido - escarlate.

Seus cabelos como fios de ouro reluziam sob o ardente sol primaveril que transpassava seu lúcido esplendor pelas frestas dos pávidos galhos da serena árvore.

Descansava à sombra da quietude e da mansidão.

Seu rosto como uma rósea flor num halo de candura.

Expressava uma alegria etérea que afastava para longe minha melancolia.

Seu séquito majestoso coloria o verdejante gramado com uma ânfora de cores. E seu agridoce olor destilava um bálsamo de cânfora que inebriava meus sentidos.

Suas alvas mãos de deidade se voltaram para um livro prateado escrito com letras douradas.

E o suave e harmonioso som de sua voz parecia entoar palavras encantadas..

Então, ela sorriu para mim e suspirou docemente.

Como uma labareda incalma, minh'alma se pôs à indagá-la o que dizia o livro sobre o prelúdio porvir triste de minha vida.

O coração trêmulo ansiava a esperada resposta...

Com a alma flora sublime, que é graça e sutileza, a mística princesa segurou minhas mãos e com seu puro olhar de anis, que evocava visões de meu passado distante, capturou os meus olhos e dilacerou o meu peito amargo; então me disse em uma estranha língua:

"_Eu te amo. Você pode amar também."

Uma lúcida e lívida razão apoderou-se de mim. Não mais sentia o desânimo voraz que me assolava noite e dia.

Ela fechou seu livro mágico; pôs-se em pé - suas vestes como uma apoteose de asas girava em torno de mim - então, se inclinou e sussurrou em meu ouvido:

"_Meu nome é Esperança."

Adormeci à sombra do grande ébano - madeira negra, aos pés de Esperança.
Acordei sob o céu estrelado, sentindo no rosto uma leve brisa de saudade, trazendo com
ela, pétalas carmesins e dentes-de-leão.
Hoje não mais temo o sol.
Talvez eu esteja cansado de vagar por entre cavernas e abismos. Partirei para além dos
altos montes do solitário ermo, a fim de encontrar o lugar para onde ela se foi:
minha Esperança.

A Cura

Ao som de Elliot Smith, A Basement on the Hill

[...primeiro meus sentidos foram sumindo. O paladar e o tato. Havia uma dormência na boca anestesiando a língua e a garganta. Não senti o açúcar na água que me deram, tampouco o sal nos lábios para equilibrar a pressão... me prometeram a cura para todos os males da alma]

...deixe-me explicar uma coisa, a liberdade dos sentidos só pode ser experimentada com a quebra das quatro leis. Espaço, tempo, gravidade e relatividade. Esquerda, direita; para frente, para trás; para cima, para baixo. Por que o mundo tem três dimensões espaciais? Não existe nenhum princípio físico que obrigue a existência de três dimensões. o espaço não é tridimensional, com largura, espessura e profundidade. Ele só existe vinculado ao tempo, formando o “espaço-tempo”, ou quarta dimensão, que é, na verdade, uma simplificação do conceito.

Tempo, é a quarta dimensão e é relativo. A gravidade é uma lei sobre corpos não sobre a mente. A relatividade é para os movimentos. Todos os movimentos são relativos. A temporalidade é observada pela mente apoiada no tempo e no espaço. Durante várias décadas, essas duas teorias só funcionavam nos próprios campos, o pequeno e o grande. Quando cientistas tentavam juntá-las - o que é indispensável, por exemplo, para entender o que se passa no centro de um buraco negro -, as equações se estilhaçavam.

Como se livrar dela?

[...dez minutos depois, havia uma euforia seguida de uma sensação de ausência, abandono mesmo. Deitei no chão, enquanto todos riam eu chorava.

...onde estão meus pais, meus amigos, meus irmãos?]

Pela vibração do som. A teoria das supercordas. Ela surgiu como uma nova e fundamental entidade, a base para tudo o que existe no Universo. Já faz algum tempo que conhecemos os átomos e também as partículas subatômicas, como os elétrons, que giram ao redor dos núcleos, e os prótons, que integram o núcleo dos átomos. Conhecemos também algumas partículas subnucleares, como os quarks, que habitam os nêutrons e prótons. Mas é aí que o conhecimento convencional se perde. A teoria das

supercordas diz que existe algo menor e mais fundamental: dentro dos quarks, da mais ínfima partícula subatômica, existe um filamento de energia que vibra como as cordas de um violino. E são os diferentes padrões de vibração dessas cordas que determinam a natureza de diferentes tipos de subpartículas. Isso permitiria unificar a teoria geral da relatividade com a mecânica quântica...

[Ausência de peso. Me livrei da gravidade como uma pluma. O chão parecia flutuar e eu fazia parte desse todo.

O medo da morte é pior que a morte]

...aprendemos com a relatividade que a energia e massa são duas faces de uma mesma moeda. Maior energia significa mais massa e vice-versa. De acordo com a teoria das cordas, a massa de uma partícula elementar é determinada pela energia do padrão vibratório de sua corda interna. As partículas mais pesadas têm cordas internas que vibram com mais energia. A carga elétrica, a carga fraca e a carga forte transmitida por uma corda específica são determinadas pela maneira como ela vibra. A teoria das cordas mantém a promessa de uma descrição unificada, única e completa do universo físico: uma teoria sobre tudo (TST). O universo sendo composto por um número enorme dessas cordas vibrantes, assemelha-se a uma sinfonia cósmica.

Como vibrá-las?

[...onde estou agora? Isso é um sonho? Posso transpassar paredes!]

...há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o éter ou matéria cósmica primitiva, geradora do mundo e dos seres. São-lhe inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas múltiplas forças, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação, segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de: gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa. Os movimentos vibratórios do agente são conhecidos sob os nomes de: som, calor, luz. Assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas

combinações, também todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos para imprimir harmonia e estabilidade. Quanto mais investiga a Natureza, mais se convence o homem de que vive num reino de ondas transfiguradas em luz eletricidade, calor ou matéria, segundo o padrão vibratório em que se exprimam. Existem, no entanto, outras manifestações da luz, da eletricidade, do calor e da matéria, desconhecidas nas faixas da evolução humana, das quais, por enquanto, somente poderemos recolher informações pelas vias do espírito. A carne é uma vestimenta temporária, organizada segundo a vibração espiritual, e essa mesma vibração esclarece todos os enigmas da matéria. A existência de uma matéria elementar única está hoje -1861- quase geralmente admitida pela Ciência, e os Espíritos, a confirmam.

[Sofri despersonalização. "...respire! Respire! Continue respirando e se concentre na minha voz! Você está morrendo...!"]

Todos os corpos da Natureza nascem dessa matéria que, pelas transformações por que passam, também produz as diversas propriedades desses mesmos corpos. Daí vem que uma substância salutar pode, por efeito de simples modificação, tornar-se venenosa, fato de que a Química nos oferece numerosos exemplos. Toda gente sabe que, combinadas em certas proporções, duas substâncias inocentes podem dar origem a uma que seja deletéria. Uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, ambos inofensivos, formam a água. Juntai um átomo de oxigênio e tereis um líquido corrosivo. Sem mudança nenhuma das proporções, às vezes, a simples alteração no modo de agregação molecular basta para mudar as propriedades. Assim é que um corpo opaco pode tornar-se transparente e vice-versa. Pois que ao Espírito é possível tão grande ação sobre a matéria elementar, concebe-se que lhe seja dado não só formar substâncias, mas também modificar-lhes as propriedades, fazendo para isto a sua vontade o efeito de reativo.

[Eu estava em todos os lugares ao mesmo tempo. A onipresença numinosa. Minhas mãos e pernas tremulavam, estava frio e o coração descompassava seus movimentos numa síncope jazzística. Você já teve um sonho que acreditou ser realidade e que não acabava nunca?]

Não obstante a teoria de Leucipo, o mentor de Demócrito, o qual, quase cinco séculos antes do Cristo, considerava as coisas formadas de partículas infinitesimais, em constante movimentação, a cultura clássica prosseguia detida nos quatro princípios de Aristóteles, a água, a terra, o ar e o fogo, ou nos três elementos hipoestáticos dos antigos alquimistas, o enxofre, o sal e o mercúrio, para explicar as múltiplas combinações no campo da forma. A ciência infatigável procura, agora, a matéria-padrão, a força-origem, simplificadora, da qual crê emanarem todos os compostos, e é nesse estudo proveitoso que ela própria, afirmando-se atéia, descrente, caminha para o conhecimento de um *Deus*.

[Agora eu sei do que ele estava falando.] “O maior de todos os medos: A Loucura!” Tente dominar a escuridão da sua mente. É como um abismo chamando outro abismo. Você perdeu as rédeas do controle. Queria dominar mas acabou sendo dominando. Você descobriu que não é livre e tentou fugir, mas era tarde...

...Você abre sorrateiramente a janela de sua mente para contemplar o outro lado e vê o nada, o vazio olhando pra você. Então, decide voltar, ir embora, mas não consegue! O abismo sussurra coisas em sua cabeça. Ele quer te contar os segredos mais arcados. Mas você tem medo. Medo de enlouquecer. Pede para as sombras lhe deixarem em paz, todavia seu corpo já está numa letargia escrava. Acabou o tempo. “Você não pode mais voltar garoto das estrelas, ELE está aqui, em sua mente e não vai embora.”

Sob a orientação das Inteligências Superiores, congregam-se os átomos em colméias imensas, e, sob a pressão, espiritualmente dirigida, de ondas eletromagnéticas, são controladamente reduzidas as áreas espaciais intra-atômicas, sem perda de movimento, para que se transformem na massa nuclear adensada, de que se exculpem os planetas, em cujo seio as mônadas celestes encontrarão adequado berço ao desenvolvimento. Ciência, propriamente humana, poderá estabelecer bases convencionais, mas não a base legítima, em sua origem divina, porquanto os átomos e os elétrons são fases de caracterização da matéria, sem constituírem o princípio nessa escala sem-fim, que se verifica, igualmente, para o plano dos infinitamente pequenos. As noções modernas da Física aproximam-se, cada vez mais, do conhecimento das leis universais, em cujo ápice

repousa a diretriz divina que governa todos os mundos. Os sistemas antigos envelheceram. As concepções de ontem deram lugar a novas deduções. Estudos recentes da matéria vos fazem conhecer que os seus elementos se dissociam pela análise, que o átomo não é indivisível, que toda expressão material pode ser convertida em força e que toda energia volta ao reservatório do éter universal. Com o tempo, as fórmulas acadêmicas se renovarão em outros conceitos da realidade transcendente, e os físicos da Terra não poderão dispensar Deus nas suas ilações, reintegrando a Natureza na sua posição de campo passivo, onde a inteligência divina se manifesta. Desde o ponto inicial de suas observações, a Física é obrigada a reconhecer a existência de Deus em seus divinos atributos. Para demonstrar o sistema do mundo, o cientista não recorreu ao chamado “eixo imaginário”? Basta essa incógnita para que o homem seja conduzido a ilações mais altas, no domínio do transcendente.

A mecânica celeste prova a irrefutabilidade da teoria do movimento. O planeta move-se na imensidão. A matéria vibra nas suas mais diversificadas expressões. Quem gerou o movimento? Quem forneceu o primeiro impulso vibratório no organismo universal? A Ciência esclarece que a energia faz o movimento, mas a força é cega e a matéria não tem características de espontaneidade. Só na inteligência divina encontramos a origem de toda coordenação e de todo equilíbrio, razão pela qual, nas suas questões mais íntimas, a Física da Terra não poderá prescindir da lógica com Deus. Os homens possuem da matéria a conceituação possível de ser fornecida pela sua mente, compreendendo-se que o aspecto real do mundo não é aquele que os olhos mortais podem abranger, porquanto as percepções humanas estão condicionadas ao plano sensorial, sem que o homem consiga ultrapassar o domínio de determinadas vibrações. Mergulhadas nas vibrações pesadas dos círculos da carne, as criaturas têm notícias muito imperfeitas do Universo, em razão da exigüidade dos seus pobres cinco sentidos.

[...**Pânico Agudo:** Uma reação de pânico tende a ocorrer, eles sentem que a perda do controle de seus pensamentos seja bastante assustadora. Esses indivíduos podem ser algo paranóides, e seus pensamentos podem parecer desagregados. Seu temor mais freqüente é de que eles nunca "voltarão ao normal".

O tratamento consiste em reassegurar ao paciente que ele não está ficando louco, que os sintomas foram causados por uma dose excessiva e que desaparecerão em algumas horas. O uso de medicação psicotrópica é desnecessário.

Delirium: Após uma dose elevada, os pacientes podem ficar confusos e desenvolver sentimentos de despersonalização e desrealização, alucinações visuais e auditivas e ideação paranóide. Essa síndrome é mais comum após a ingestão oral, talvez porque possa envolver doses mais elevadas. O tratamento novamente consiste em reasseguramento e observação cuidadosa para que o paciente não venha a agredir terceiros ou a ferir-se.]

É por isso que o homem terá sempre um limite nas suas observações da matéria, força e movimento, não só pela deficiência de percepção sensorial, como também pela estrutura do olho, onde a sabedoria divina delimitou as possibilidades humanas de análise, de modo a valorizar os esforços e iniciativas da criatura.

[Em geral, o uso é seguido por alterações nos sentidos (visão, audição, olfato), cognitivas (pensamento, memória e atenção) e de humor. Há alterações da noção de tempo e espaço e ilusões (distorções na percepção de objetos reais) visuais e auditivas. O humor pode variar de um estado eufórico (marcado por risos imotivados, fala solta e sensação de bem-estar) à sintomas de mal-estar psíquico, como tristeza, sensação de pânico e perda do controle (medo de enlouquecer).]

“Agora você sabe...! Tome, aqui está a cura para seu mal”.